

COMO EU VIA AS MENINAS E AS BONECAS

Isis Aluska dos Santos Silva

Universidade Estadual da Paraíba

isisquem@hotmail.com

Resumo

Este artigo tem como objetivo, analisar as questões que envolvem as relações dos meninos (na infância) com o universo feminino infantil, suas brincadeiras e objetos lúdicos (bonecas). A análise será realizada através de um texto autobiográfico que relata uma lembrança da infância sobre a relação com o objeto boneca, o desenvolvimento da aprendizagem de gênero e da identidade através das representações existentes na infância sobre o ser menino e o ser menina. Mostrar através das análises realizadas no texto que, os aprendizados de gênero envolvem estereótipos de como ser e fazer através das representações do que/como seria ser menino ou menina e que estes aprendizados ocorrem desde a tenra idade e principalmente no âmbito da escola (como um dos espaços que refletem o total da sociedade) como da sociedade de forma geral e como o aprendizado desses estereótipos são aprendidos.

Palavras-chave: Aprendizagem de Gênero, Escola, Identidade, Meninos e Meninas, Representação.

Introdução

“O verdadeiro descobrimento não consiste em buscar novas paisagens, mas em possuir novos olhos”.

Proust

Este artigo foi elaborado a partir de materiais (documentos primários) elaborados no decorrer de uma disciplina de Estágio docência, intitulada: Pesquisa Educacional.

O grupo alvo da pesquisa é uma turma do curso de Licenciatura em Pedagogia da UFPB, na qual 99% do alunado é do sexo feminino e apenas um aluno é do sexo masculino. A pesquisa tem como mote procurar entender como se dá a aprendizagem de gênero (na infância) das mulheres através do objeto lúdico boneca. Foi pedido para todas/os da turma que desenvolvesse um texto narrativo intitulado: “Minha primeira boneca”. Onde, a partir desse

texto e de outros documentos seria feita a análise para responder a pergunta da pesquisa.

Como havia apenas um aluno do sexo masculino, foi pedido para o mesmo que ele escrevesse dois textos, também narrativos, o primeiro intitulado: “Meu primeiro brinquedo” (pois o mesmo tinha evidenciado que não havia brincado ou tido uma boneca na infância) e o outro, intitulado: “Como eu via as meninas e as bonecas”. Título do nosso artigo.

O motivo pelo qual este texto (o segundo) foi escolhido para análise neste artigo é o de que como a maioria das falas são das pessoas do sexo feminino e essas falas específicas serão utilizadas em pesquisas futuras, evidenciamos o do participante masculino para que o texto do aluno não deixasse de ser analisado, daremos então neste artigo uma atenção especial a sua narrativa e faremos a análise a partir de suas falas e memórias de sua infância. Para citar o nome do aluno (que será mantido em sigilo) utilizaremos o codinome, Bernardo.

Utilizaremos neste artigo algumas categorias dos Estudos Culturais para ancorarmos a nossa discussão, a primeira será a Aprendizagem de Gênero, a segunda a Identidade de Gênero e por fim a categoria da Representação Social.

Metodologia

Separação: O aprendizado do gênero, questões de identidade e representação

A partir deste ponto analisaremos as falas do texto de Bernardo fazendo relação com as questões pertinentes as categorias dos Estudos Culturais apresentadas no subtítulo, que permeiam a vida social de todos e todas desde a infância.

A princípio discutiremos a questão da separação que ocorre entre meninos e meninas desde a infância e quais motivos levam a essa separação, vejamos uma das falas de Bernardo:

“Bom! Eu via as meninas meio que separadas dos meninos, quando é na infância tem bastante isso, de separar os meninos de um lado e as meninas

do outro, e sempre ficava com os meninos nas brincadeiras tipo: pega-pega, esconde-esconde, pega-gelo.”. (BERNARDO, 2014).

Vemos a partir da fala do participante que esta separação ocorre “naturalmente” desde a infância e que a escola é um dos locais mais propícios para que essa separação seja efetivada.

Quando meninas e meninos chegam à escola, já têm interiorizada a maioria dos padrões de conduta discriminatória. Mesmo que tenhamos escolas mistas e que meninas e meninos sentem-se ao redor das mesmas mesas, na hora do recreio os meninos jogam com os meninos e as meninas com as meninas. (MORENO, 1999. P. 30).

Esta afirmação será reforçada na fala de Bernardo quando este explicita que, mesmo não gostando de participar de determinadas brincadeiras com os meninos e não tendo nenhum problema em participar de brincadeiras com as meninas, essa aproximação não era feita pela a escola, mas sim a perpetuação da separação:

“Agora na hora do esporte eu não ficava com os meninos, eu ia assistir TV, fazer desenhos, sempre fui mais próximo das meninas do que com os meninos, porque na época eu fugia do padrão masculino que era dizer palavrão, jogar futebol, andar com um grupo de meninos.” (BERNARDO, 2014).

Ou seja, mesmo admitindo ser mais próximo das meninas, na hora do recreio, este não era incluso no meio das brincadeiras destas, era levado a realizar outras atividades que na verdade o isolava dos dois grupos, não o levando a interação nem com os meninos, nem com as meninas.

“a escola, por seu caráter normativo e por seu papel de transmissora daquele conhecimento, também está contaminada pelo sexismo, que constitui o *código* secreto e silencioso que molda e discrimina o comportamento de meninos e meninas”. (MORENO, 1999. P. 10).

Outro aspecto muito importante a ser analisado é a questão da agressividade atribuída aos meninos e a afetividade atribuída as meninas. Para os meninos é considerado normal a disputa, o chamar palavrão, os jogos sendo exercidos de forma violenta e para as meninas os movimentos e as brincadeiras mais retraídas, tanto na escola como no âmbito da casa como veremos mais adiante.

As manifestações espontâneas nas brincadeiras dos meninos costumam ser de caráter agressivo e no das meninas de caráter pacífico. Isso se deve a quê? Se meninos e meninas tendem a identificar-se com os modelos vigentes em nossa sociedade e isso se manifesta no jogo, se os jogos são diferentes, é necessário admitir que existem modelos diferentes para uns e para outros no que concerne a essa característica. (MORENO, 1999. P.32).

Assim, a sensibilidade, o afeto e a própria socialização vão sendo deixadas de lado na vida dos meninos, vão sendo elementos não desenvolvidos e o próprio aprendizado global vai se tornando defasado para dar lugar a aprendizagem de gênero, fazendo com que as crianças se restrinjam a determinados padrões de como ser e de como fazer. Na fala de Bernardo a seguir, veremos como este fato se dá:

“Não gostava de apelidos, porque nessa época de infância ficar perto de meninas era coisa tipo ruim, chata, ninguém quer. Os meninos sempre tiram sarro das meninas, eu não tirava, minha relação com as meninas sempre foi boa, tranquila e amigável, somente na hora das brincadeiras é que se separava meninos para um lado e meninas para o outro.”. (BERNARDO, 2014).

A sensibilidade, a ternura, a atenção às relações interpessoais não têm que ser patrimônio exclusivamente feminino. Também os meninos e adolescentes têm direito a expressar seus sentimentos, a não ter que reprimi-los, continuamente para que não se ponha em dúvida sua virilidade. À medida que o leque possível de condutas aumenta, a personalidade de cada um se enriquece com novas contribuições, e se aprenderá com isso que há muitas formas de ser mulher, assim como há muitas formas de ser homem. (MORENO, 1999. P. 75).

Desta forma, a Identidade de gênero vai se desenvolvendo e as diferenças vão se acentuando, mas essas diferenças vão sendo demarcadas desde a infância e nos detalhes mais ínfimos, corriqueiros e subliminares da vida. Uma delas e a mais comum de todas é a cor:

“Eu era mais retraído, sempre vestia mais roupa azul porque a sociedade ditou que azul era cor de menino e rosa cor de menina, quem ia de rosa os meninos falavam: “rosa era cor de menina”, mas na sala de aula eu conversava com todos, meninos, meninas. Eu não ligava para essa questão de

roupa, tipo: vestido meninas, bermudas menino. Achava que já era normal esse padronização infantil.”. (BERNARDO, 2014).

Quando Bernardo afirma que “não ligava para essa questão de roupa” ele quis dizer que não se atentava para essas diferenças “Achava que era normal”, e é geralmente isso que acontece, acabamos por assimilar as diferenças de gênero que a sociedade nos apresenta e assim levamos nossas vidas e nossas escolhas, ou seja, se não nos atentarmos, vivemos a partir dos ditames de gênero (sendo lido aqui como o androcentrismo) e das Representações Sociais. Sobre este último:

Os autores da teoria afirmam que toda representação se origina em um sujeito (individual ou coletivo) e se refere a um objeto. Jodelet sintetiza a idéia: toda representação é representação de alguém e de alguma coisa. Toda representação se refere a um objeto e tem um conteúdo. E o alguém que a formula é um sujeito social, imerso em condições específicas de seu espaço e tempo. A autora propõe então três grandes ordens de fatores a serem levados em conta como condições de produção das representações: a cultura, tomada no sentido amplo e no mais restrito, a comunicação e linguagem (intragrupo, entre grupos e de massas), e a inserção socioeconômica, institucional, educacional e ideológica. (ARRUDA, 2002. P. 141, 142).

Ou seja, a representação é aquilo que o indivíduo reflete a partir do seu aprendizado com o grupo, com a sociedade, a cultura. Não seria uma cópia ou uma fotografia da realidade, mas sim uma tradução da mesma, e sendo assim pode ser moldável, dinâmica e está sempre em processo de transformação.

O que nos faz refletir, que as visões androcêntricas podem e devem ser reelaboradas, repensadas e retraduzidas para uma representação mais favorável a igualdade e a relações mais sensíveis entre homens e mulheres.

Infelizmente o que vemos ainda em nossa sociedade é a presença do sexismo e do androcentrismo em nossas vidas desde tenra idade. “A partir do momento em que nascemos, começamos a receber essa influência social que condicionará nossa maneira de ver e estar no mundo”. (MORENO, 1999. P. 14).

Modelos e padrões sexuais e de gênero são ensinados e absorvidos tão cedo, ao ponto de crianças ao chegarem na escola, já terem de certa forma

uma identidade sexual formada e o papel que lhes corresponde a partir dessa identidade e conseqüentemente a escola colaborará para que essa identidade seja reforçada. Tanto a do que representaria ser menina, como também a do que representaria ser menino.

Resultados e discussão

O desejo oculto e reprimido

Neste ponto apresentaremos como essas aprendizagens de gênero pode na infância ter um peso negativo na vida das crianças, gerando desejos ocultos de realizar atividades que para elas já são consideradas proibidas, fazendo com que as crianças se sintam reprimidas e até mesmo levando-as a desenvolverem atitudes violentas, mesmo que simbolicamente.

Como expomos à princípio e como também evidencia o título do nosso artigo, analisaremos as falas de Bernardo sobre como ele via as meninas e as bonecas. No seu texto narrativo ele vem falar dessa relação das meninas com as bonecas no âmbito familiar, ou seja, a relação de sua irmã com as bonecas. Segue o trecho abaixo:

“Com relação as bonecas eu não brincava, mas sempre olhava para minha irmã, pois ela brincava muito e dava aula para as bonecas que tinham nomes, a série eu me lembro que perguntava para minha irmã e ela dizia os nomes, geralmente quando eu pegava na boneca era para mastigar a perna a ponta dos pés para ser exato e às vezes os braços porque era de borracha, principalmente a Barbie que era totalmente feito de borracha, era mole, mastigava e pronto.” (BERNARDO, 2014).

Neste trecho do texto de Bernardo, podemos ver diversas facetas sobre as questões de gênero. O primeiro é o de que ele diz que não brincava com as bonecas, mas que sempre olhava a irmã brincar e o interessante é observar como essa irmã brincava. Em sua brincadeira a irmã de Bernardo se representava como professora das bonecas, representações típicas das meninas na infância em suas brincadeiras. Professoras, mães, enfermeiras etc., profissões consideradas tipicamente femininas.

Não bastava restringisse a brincar apenas de boneca em casa, suas representações evidenciam a ideia de naturalização do que seria apropriado ao gênero feminino. Natural é diferente de cultural e sabemos que o gênero é uma construção cultural de formação dos sujeitos, primordialmente aprendido no âmbito familiar, mas também no da escola, ou seja, o gênero é adquirido. “Essas normas de conduta são adquiridas frequentemente por vias subliminares e em etapas de nossa infância em que não temos desenvolvido ainda nenhum mecanismo de crítica”. (MORENO, 1999. P. 67). “Em suas brincadeiras, as meninas têm liberdade para ser cozinheiras, cabeleireiras, fadas madrinhas, mães que limpam seus filhos, enfermeiras etc., brincadeiras que denotam o caráter pacífico a elas atribuído”. (MORENO, 1999. P. 31).

O segundo aspecto a ser evidenciado no trecho do texto de Bernardo é a forma como ele mesmo se relacionava com as bonecas. Ele afirma que não brincava com elas, só olhava a irmã brincando, mas deixa claro que tem um desejo de se relacionar nas brincadeiras com as bonecas, ao perguntar o nome delas, qual série as bonecas fazia e se contradiz no momento em que afirma que *pegava* (grifo meu) as bonecas da irmã para mastiga-las, ou seja, ele manipulava sim de alguma forma as bonecas. Podemos ter dois olhares sobre essa manipulação.

O primeiro olhar é o de que ele arranjou uma forma diferente de brincar com as bonecas, exercendo assim um desejo oculto de brincar e até mesmo reprimido, pois não seria considerado normal para a família que ele sentasse com a irmã e brincasse com as bonecas da mesma forma que ela brincava. O segundo olhar é o de que por causa de seu desejo de brincar com as bonecas e não poder, o mesmo exercia sua frustração através de uma violência simbólica e até mesmo física contra as próprias bonecas, ao mastiga-las e destruí-las. Infelizmente a violência simbólica e física marcam de maneira negativa a vida das mulheres, mas também têm efeitos perversos na vida dos homens que reprimem sua essência sensível e assim não podem desenvolvê-la.

“O conhecimento das relações de gênero (conceitos e implicações) é imprescindível quando se enfocam temas como corpo, brinquedos e brincadeiras, formação da identidade da criança, oportunidades de aprendizagem,

o cuidar e (...) especialmente no nível inicial de escolarização.” (CARVALHO, 2010. P. 79).

Vejamos abaixo outro trecho do texto de Bernardo que continua falando de sua relação com as bonecas da irmã:

“ Achava a Barbie linda, loira, bonita, sempre arrumada. Minha irmã tinha umas bonecas que parecia bebê de verdade, eu ficava olhando e dizia: “parece um bebê mesmo”, vestido de roupa, outras eram grandes, carecas com um vestido grande.” (BERNARDO, 2014).

A partir deste trecho podemos analisar as representações que as bonecas exercem para as meninas e também para os meninos, como no caso de Bernardo.

“a representação social deve ser estudada articulando elementos afetivos, mentais e sociais, e integrando, ao lado da cognição, da linguagem e da comunicação, as relações sociais que afetam as representações e a material, social e ideal (das idéias) sobre a qual elas vão intervir.” (ARRUDA, 2002. P.138, 139).

Assim, entendemos as bonecas como objetos que articulam elementos afetivos, mentais, sociais. Um objeto integrador, que se articula com a cognição, a linguagem e comunicação da criança e assim se faz representar na vida desta de forma a intervir no seu modo de ser e no seu modo de agir.

Bernardo começa o trecho exaltando as características físicas da boneca Barbie: “linda, loira, bonita, sempre arrumada.”. Uma representação de como deveria ser uma mulher adulta, introduzida na vida das meninas desde a infância, como também para os meninos imaginar o que deveriam esperar de uma mulher o que ser e como ser quando adulta. Todo esse ideal frequentemente gera frustrações tanto pra uns quanto pra outros, meninos e meninas. Para as meninas isso gera tanto frustração quanto conflitos, elas conseqüentemente: “São socializadas pela cultura patriarcal para competirem umas com as outras pela aprovação patriarcal; para encararem as outras mulheres com ciúme, medo e ódio.” (CARVALHO, 2010. P . 78). E geralmente isso é visto de forma natural, como algo natural proveniente de seu sexo/gênero feminino, “imaginar um mundo sem gêneros, causa perplexidade, pois para muitas mulheres, de todas as idades, gênero é charme, é parte

importante de sua expressividade corporal e identidade.” (CARVALHO, 2010. P. 85).

O trecho do texto de Bernardo finaliza com ele continuando sua observação sobre as bonecas de sua irmã. As outras são bonecas parecidas com bebês de verdade, com características de bebês e vestidas com roupas de bebês. Outra representação bastante frequente nas bonecas, que levam as meninas a se representarem como mães; carga bastante pesada para crianças, meninas ainda em formação física e intelectual que desde cedo são adestradas a se comportarem como mulheres adultas, em funções extremamente restritas as tarefas do lar e corporeificadas como a de serem lindas e bem vestidas, como também a de serem mães e cuidarem das suas filhas.

O último trecho a ser analisado do texto de Bernardo é o seguinte:

“Uma vez eu pinteí de corretivo a cabeça de uma das bonecas da minha irmã, ela reclamou bastante chorou para se acabar, meu pai deu outra boneca para ela, e ela continuou com essa pintada, ela guardava com os outros brinquedos. Uma das bonecas Barbie eu arranquei a cabeça, aí minha mãe comprou outra para ela, mas no geral eu não era de sair arrancando perna, braço, nem esconder as bonecas da minha irmã, nem das minhas colegas na sala de aula, eu tinha meus brinquedos e minha irmã os dela. Não gostava mesmo de boneca, achava coisa de menina e nem ligava, deixava pra lá.”. (BERNARDO, 2014).

Este trecho é bastante interessante pois mostra claramente a suposta violência exercida por Bernardo com relação as bonecas de sua irmã e também com as bonecas das colegas da escola. No final do trecho ele diz o seguinte: “Não gostava mesmo de boneca, achava coisa de menina e nem ligava, deixava pra lá.”. Ao mesmo tempo que diz que pintava as bonecas, arrancava seus membros, escondia as bonecas da irmã e das colegas da escola, evidenciando que gostava de brincar de alguma forma com as bonecas e que ligava sim pra elas, não as deixava pra lá como afirma. Ele enfatiza que achava coisa de menina, também evidenciando que como em sua concepção esse

objeto foi feito para as meninas brincarem, isso de certa forma não fazia parte da vida dele.

Assim, vemos que ambos, ele e a irmã perdiam uma grande oportunidade de brincarem juntos, como ele também perdia na escola a oportunidade de brincar com suas colegas na hora do recreio sendo levado a fazer outras atividades isoladamente. Porque como já foi dito antes, infelizmente em nossa sociedade androcêntrica é isso que acontece, a separação entre meninos e meninas.

Sobre a destruição das bonecas da irmã, isso é feito de forma frequente e sem culpa, mesmo a irmã chorando bastante, ele sabia que podia fazer porque tanto o pai quanto a mãe dariam outra boneca igual a destruída por ele a irmã.

Aqui também podemos destacar a falta de questionamento dos pais ou responsáveis em relação a violência apresentada pelos meninos. No caso a violência simbólica exercida por ele para com as bonecas. A ideia que se apresenta é a de que “Os meninos, por sua vez, tampouco devem seguir as meninas, imitá-las ou se misturarem com elas.” (CARVALHO, 2010. P.82). Assim essa ideia pode ser levada para a vida adulta, a ideia da violência e a ideia de impunidade sobre a violência feita para com as mulheres.

Agimos e movemo-nos não de acordo com a realidade, mas de acordo com a nossa imagem no mundo. Cada pessoa não constrói uma imagem por si mesma, a partir da observação de alguns fatos concretos e reais, e sim, na maioria dos casos, a partir do que os outros lhe dizem a respeito desses fatos, ou seja, a partir dos julgamentos que os demais emitem sobre a realidade. (MORENO, 1999. P. 13).

Os pais e mães, assim como os educadores devem com frequência questionar e problematizar as atitudes das crianças para que essas possam ver de forma positiva a relação entre elas, ver de forma positiva a relação entre meninos e meninas, como também procurarem redefinir o que seria essa identidade de gênero e ensinarem que as identidades podem ser moldáveis ao longo da vida, sem que as crianças tenham que carregar desde cedo os estereótipos de gênero frequentemente impostos a elas.

Conclusão

O que devemos fazer com relação as brincadeiras e modos de se portar das nossas crianças é intervir de forma positiva. “Não intervir equivale a apoiar o modelo existente.” (MORENO, 1999. P. 74). Pois nós, meninos e meninas, homens e mulheres precisamos viver em um mundo onde, nossas perspectivas sejam ampliadas, nossos modos de ver e de ser sejam múltiplos e que o nosso mundo, assim como a nossa vida não seja limitava apenas a uma visão, que possamos interagir, brincar com as meninas, brincar com os meninos e desenvolver nossos desejos de aproximação com o outro de maneira equitativa e harmoniosa.

Referências

Livros:

BAUER, Martin W, GASKELL, George. (Orgs). Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. (Capítulo: 4) .

MORENO, Montserrat. Como se Ensina a Ser Menina: o sexismo na escola. Coordenação: Ulisses Ferreira de Araújo; tradução: Ana Venite Fuzatto. São Paulo: Moderna; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1999. (Educação em pauta: escola e democracia).

Artigo de revista:

ARRUDA, Angela. TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E TEORIAS DE GÊNERO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Cadernos de Pesquisa, n. 117, p. 127-147, novembro/ 2002.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. GÊNERO É UM CONCEITO COMPLEXO E DE DIFÍCIL SENSOCOMUNICAÇÃO. CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO DOCENTE. Instrumento: R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora, v. 12, n. 2, jul./dez. 2010.

Outros documentos:

BERNARDO. COMO EU VIA AS MENINAS E AS BONECAS, 2014.

(Documento primário elaborado especialmente para a pesquisa).

